



TEORIAS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: ESCRIVIVÊNCIAS DOCENTES E OS SABERES PERIFÉRICOS COMO POTÊNCIA TRANSFORMADORA

Michele Pereira Furtado Passos da Costa
SEMED Nova Iguaçu - RJ
michelepfcosta@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/3694938992497383>
Lucinei Vicente dos Santos
SEMED – Nilópolis-RJ
educazaki.@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7701915810428276>

Teorias e pesquisas em educação

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a educação a partir das experiências de dois docentes vivenciadas em territórios periféricos, especificamente na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Ao tomarmos a escola como espaço de transformação social, reconhecimento das diferenças e produção de conhecimentos, buscamos com nossas narrativas, que assumimos como escrituras com Evaristo (2020) refletir sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas criadas nos cotidianos escolares onde atuamos como docentes. Buscamos compreender como os saberes criados pelos educadores que atuam em contextos de desigualdade social contribuem para ressignificar a prática docente e fortalecer uma educação comprometida com a emancipação dos sujeitos (Freire,1996). As reflexões tecidas neste trabalho apontam que a docência em territórios periféricos exige mais do que a transmissão de conteúdos, pois envolve escuta, diálogo, reconhecimento das histórias dos estudantes e construção coletiva de possibilidades educativas. As narrativas evidenciam que o professor pesquisador transforma sua prática ao compreender a realidade social, cultural e afetiva dos estudantes. Conclui-se que as escrituras, cartas e relatos de experiências constituem importantes instrumentos de formação docente e produção de conhecimento, contribuindo para uma educação inclusiva, democrática e humanizadora.

Palavras-chave: Docência; Educação; Periferia.

1. INTRODUÇÃO

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e dos professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. (Freire,1993)

A educação brasileira apresenta desafios que ultrapassam os limites da sala de aula, principalmente quando observamos os diferentes contextos sociais nos quais as escolas estão inseridas. Não devemos desmerecer o trabalho dos profissionais da educação que atuam nas instituições públicas brasileiras. São educadores competentes e comprometidos com aquilo que fazem. No entanto, evidencia-se uma discrepância entre o conhecimento que é oferecido nas universidades durante a formação inicial e a realidade vivida pela maior parte dos docentes em



formação.

Quando o professor ingressa no mercado de trabalho, especialmente em territórios periféricos, percebe que a teoria continua válida, mas que as interferências do cotidiano muitas vezes sufocam aquilo que foi aprendido durante sua formação acadêmica. Diante dessa realidade, torna-se necessário construir novas formas de ensinar, adequadas ao contexto vivido, tanto no entorno da escola quanto no universo afetivo dos estudantes, que carregam consigo sonhos, medos, ausências, inseguranças e, muitas vezes, a própria falta de perspectivas.

O professor, ao longo de sua trajetória profissional, vai tecendo uma bagagem única de fazeres e saberes, construída não apenas em salas de aula, mas em cada encontro, cada escuta e cada desafio vivido. É essa vivência que o impulsiona a transformar continuamente seus conhecimentos, ampliar suas experiências e ressignificar suas práticas pedagógicas, como nos ensina Lawrence Stenhouse (1975), “não pode haver desenvolvimento curricular sem desenvolvimento do professor.”

Essa transformação se torna ainda mais viva e necessária quando se atua na Baixada: território de riquezas que poucos veem, de uma cultura que pulsa em cada esquina, de saberes que brotam da convivência, da fé, da arte e da solidariedade. São terras banhadas por rios que carregam histórias, feiras que guardam sabores e tradições, escolas que são verdadeiros portos de acolhimento, e uma gente que, mesmo diante de tantas adversidades, segue reinventando caminhos.

É aqui, as realidades sociais se mostram em sua inteireza, como aponta Alves (2019): um espaçotempo historicamente hostilizado, invisibilizado e esquecido, mas que guarda, em cada pessoa, em cada manifestação cultural, em cada forma de resistência, potências imensas. É nesse território que o saber docente se reafirma: não como algo que chega de fora para “ensinar”, mas como algo que se constrói junto, que se mistura ao chão que se pisa, que valoriza o que já existe e que reconhece que a educação floresce justamente onde a vida se mostra mais intensa. O professor que caminha por aqui entende que sua prática se transforma a cada dia, porque o lugar onde ele atua já lhe ensina, antes de tudo, a ver a beleza e a força onde muitos só querem enxergar limites.

Diante de toda essa diversidade e pluralidade de sujeitos e realidades é importante que se tenham novos olhares sobre uma realidade desses territórios. Em um território onde uma realidade tão antiga insiste em rotular os seus habitantes como sujeitos de menor valor, surgem



educadores que buscam compreender a educação para além daquilo que falta e dos muros da escola. Esses educadores têm produzido relatos de experiências e, sobretudo, como nosso caso escrevivências, e assim que vêm ressignificam os modos de produzir conhecimento.

Como nos lembra Conceição Evaristo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Evaristo, 2020). As escrevivências vêm abrindo novos caminhos para a formação docente, por meio de cartas, narrativas e relatos que expressam um grito periférico durante muito tempo silenciado e que agora começa a ecoar. Demonstram que, na periferia, tudo se forma e se transforma, sem perder de vista aquilo que constitui a essência da educação: a formação do sujeito em sua singularidade e em sua capacidade de produzir conhecimento.

Partindo dessas reflexões, apresenta-se um texto em forma de carta, gênero que deixa de ser apenas um meio de comunicação para assumir uma função pedagógica e reflexiva. A carta é dirigida a Paulo Freire, com cópia ao professor Darcy Ribeiro, em um exercício simbólico de diálogo com dois dos maiores pensadores da educação brasileira.

O objetivo deste relato em carta é refletir sobre como as narrativas docentes e as escrevivências podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras em territórios periféricos.

2. METODOLOGIA

O presente relato caracteriza-se como qualitativo, por privilegiar a descrição e a interpretação, utilizando como abordagem metodológica as narrativas docentes e as escrevivências como formas de compreender experiências educativas construídas no cotidiano escolar.

A descrição desenvolve-se a partir de relatos de experiências, memórias profissionais e registros reflexivos de práticas pedagógicas realizadas em contextos escolares públicos inseridos em territórios periféricos.

Os instrumentos utilizados para a produção das reflexões foram cartas narrativas, registros da prática docente e diálogos estabelecidos com referenciais teóricos da educação crítica e da formação de professores.

A narrativa considera as experiências dos sujeitos envolvidos no processo educativo, compreendendo que os saberes docentes são construídos continuamente na relação entre teoria, prática e realidade social.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A carta dirigida a Paulo Freire evidencia que a educação praticada nas periferias possui uma potência transformadora própria, pois nasce da realidade concreta, dos saberes populares, das dificuldades e dos anseios da comunidade, e não apenas de conteúdos previamente estabelecidos.

Diferentemente dos contextos marcados por maiores privilégios sociais, onde muitas vezes basta transmitir conhecimentos, nas periferias a realidade exige respostas permanentes. A escola transforma-se em espaço de reconhecimento das identidades, fortalecimento dos vínculos e construção de caminhos capazes de enfrentar a invisibilidade e as desigualdades sociais.

Como defende António Nóvoa, a educação não pode ser dissociada do território nem das pessoas que o constituem. Quando se enraíza nas experiências e nos modos de viver das populações periféricas, deixa de ser instrumento de reprodução das desigualdades e torna-se uma força capaz de reescrever trajetórias individuais e coletivas.

Essa mesma realidade transforma também o significado da docência. O educador que atua nesses territórios não pode limitar-se à transmissão de conteúdos. Ele aprende com a comunidade, reconhece os saberes dos estudantes, dialoga com suas experiências e compreende o caráter político e humano de sua profissão.

O fazer docente nas periferias demonstra que a educação inclusiva ultrapassa a garantia do acesso escolar, envolvendo pertencimento, reconhecimento das diferenças, participação e valorização das potencialidades de cada sujeito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida demonstra que as práticas educativas construídas nas periferias possuem uma dimensão transformadora, pois dialogam diretamente com as experiências, necessidades e potencialidades dos estudantes.

As escrituras, cartas e narrativas docentes apresentam-se como importantes instrumentos de formação, permitindo que professores sejam reconhecidos também como produtores de conhecimento.

Conclui-se que a educação inclusiva depende de práticas pedagógicas comprometidas com a realidade dos sujeitos, valorizando suas histórias, culturas e modos de existir. O professor, ao refletir sobre sua prática e sobre o território em que atua, transforma sua maneira de ensinar e contribui para uma educação mais democrática e humanizadora.



REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STENHOUSE, Lawrence. **Investigación y desarrollo del curriculum**. Madrid: Morata, 1984.